

Tudo se ilumina
para a quele que
busca a luz.

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

...alumia-vos,
aponta-vos o ca
minho,

BEN-ROSH

(HA-LAPID)

Órgão da Comunidade Israelita do Porto

DIRECTOR E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
REDACÇÃO—Rua Guerra Junqueiro, 340—Porto
—(Toda a correspondência deve ser dirigida ao director)—

COMPOSTO E IMPRESSO NA Empresa DIÁRIO DO PORTO, L.da
Rua de S. Bento da Victoria, 10
PORTO

A agonia do Judaísmo na Alemanha

Há mais de três meses acolhemos e auxiliamos os que as perseguições privam de toda a esperança; famílias inteiras cujo pai se encontra de hora á vante na impossibilidade de ganhar o pão de cada dia, funcionários, professores, médicos, advogados proscritos sem piedade, industriais e comerciantes perseguidos nas suas próprias empresas, jovens sem nenhuma possibilidade de criar uma situação, por modesta que seja, crianças que os seus pais recusam deixar nas escolas, onde nada as protege contra a severidade inhumana dos mestres ou os ataques dos camaradas, nas cidades em que o *numero de clausus* ainda não condenou a uma ignorancia que nenhum espirito livre admitiria—sem contar a lamentavel teoria destes caminhheiros das marchas orientais da Europa, destas familias russas antes de ontem polacas ontem, sem patria hoje, que ficam como um simbolo vivo da herança de Israel, familias numerosas que a civilização ocidental não pode ainda afinar mais que, quando elas encontraram o solo onde se enraizar, revelaram energias novas e vontades imprevistas. E' assim que nós temos em Paris mais de 5.000 refugiados judeus da Alemanha.

Quando o governo decidiu, para ficar fiel á mais humana das tradições, abrir a fronteira aos que fugiam das torturas dos campos de concentração e o esolamento moral quasi sempre mais terrivel ainda que os sofrimentos fisicos, o judaismo francês não esitou deante do seu dever. Não recuou deante do mais pesado dos sacrificios, ape-

sar da crise, apesar de certas lembranças, é preciso bendize-lo, que teria podido tornar a assistencia menos espontanea. Mas a amplitude do cataclismo, as horas trágicas que o inverno, nos prepara devem desviar todos os escrupulos e nos ordenam conforme a bela expressão do presidente Painlevé, de colocar todas as nossas preocupações "sobre o plano da humanidade".

Todos os refugiados alemães que vieram procurar asilo na França, encontraram pão e um teto.

Podem-nos censurar por não ter ainda procurado a solução construtiva do problema. Mas os esforços do Comité Nacional vão tentar de hoje em diante, pela organização internacional da emigração e a colocação em toda a França, para livrar a comunidade parisiense duma carga que passa acima dos seus meios. O apoio que o governo nos quer prestar vai facilitar a nossa tarefa.

Entretanto será pueril crer que um trabalho de auxilio de alguns meses pode resolver um problema cuja opinião internacional deveria ser atacada. O silencio inadmissivel da imprensa não deve prestar-se á confusão. O judaismo encontra-se em vespas das horas mais tragicas que conheceu desde as perseguições da idade media.

A ditadura hitleriana, com uma obstinação sem piedade, prossegue a sua politica de aniquilamento das forças judaicas da Alemanha.

As medidas legais multiplicam-se contra os judeus em todos os dominios. Amanhã

os Judeus alemães não serão mais cidadãos.

Entretanto, as perseguições individuais continuam com uma verdadeira paixão guerreira. Será necessário publicar algum dia o livro preto de todas as atrocidades e o mundo civilizado deverá reconhecer que o seculo XX terá sido, dezanove anos depois da mais atroz das guerras, incapaz de impedir uma segunda volta á barbaria.

Há todos os dias execuções sumarias nos campos de concentração e, quando as famílias podem receber os corpos das vítimas são as orações dos martires, como no tempo da Inquisição, que os rabbis da Alemanha pronunciam, á noite, nos cemiterios, que nada pode melhor defender contra as profanações.

Hitler ficará muito tempo no poder para desgraça da Alemanha. Mais nenhuma força se pode levantar contra ele, no país onde nenhum dos seus adversários políticos teve a honra de morrer numa barricada.

A ditadura desencadeou as paixões elementares que é difícil conter. O primeiro entusiasmo passou, será necessario no lugar das marchas ao flambeau das manifestações teatrais e os discursos pela T. S. F., dar pão puderam tomar o lugar dos Judeus nas administrações, nas profissões liberais ou nos trabalhos. A catastrophe economica então será inevitavel, mesmo que se procure instaurar um novo regimen seguindo o exemplo de Lénine. O terceiro Reich, sem duvida, sossobrará na anarquia e nós desejamos em primeiro lugar que uma manifestação desesperada venha perturbar a ordem nas fronteiras. Com efeito, o voto que não esitam em formular certos democratas, que um acordo internacional impugna a Hitler uma camisa de força, parece-me doloroso para os proprios Judeus que o ditador conserve o designio como refens.

Os Judeus da Alemanha são apenas os primeiros no seu calvário. E' o fim da sua liberdade, a impossibilidade para eles de ganhar a sua vida, de encarar o dia de amanhã a medo perpetuo para a sua segurança na rua e mesmo em casa.

Nós assistimos em alguns meses a um exodo em globo; pedir-nos-há para acolher milnares de creanças para salvar pelo menos o futuro. Nós estaremos então sem poder para encontrar, sosinhos, os remédios para a catastrophe.

Como na idade média, os Judeus na Alemanha não poderão mais sofrer sem esperança ou desaparecer.

Não haverá mais lugares na anarquia dum povo em loucura que por duas espécies de Judeus: os *Hoffuden*, de côrte pequena minoria que, a preço de dinheiro, comprou dada dia uma aparente liberdade, negligenciando os escrupulos da consciencia e os *Ghetto juden*, Judeus em cativeiro, preferindo soirer no esolamento social, num solo que os seus pais enriqueceram, contentando-se com pouco, com a tenaz esperança dum futuro melhor.

Para que esta esperança duma ressurreição seja somente possivel, é preciso desejar que, apesar dos sofrimentos e provas do futuro, nós mantenhamos intactas em nós mesmas, como no coração daqueles que nós temos o dever de auxiliar, todas as forças espirituais que nós tenhamos dos nossos pais.

Estejamos mais do que sempre atentos aos ensinamentos dos nossos guias. Estudemos com mais obstinação os textos dos nossos livros sagrados.

Fiquemos mais profundamente Judeus pelo nosso pensamento e pelos nossos actos.

Desde que temos o direito de ser fieis, de pertencer á familia francesa á qual estamos definitivamente ligados por uma solidariedade fisica e moral. podemos, nestas horas de angustia, alegrar-nos um pouco: como em 1791, como em 1848, como em 1914 O ideal de solidariedade dos nossos profetas se confunde com o principio da fraternidade de que o nosso país aceitou definitivamente os pesados deveres.

A unidade de Israel não é uma vã formula nem uma visão delorosa, se se considera como uma regra de acção humana e um mandamento inelutavel de caridade.

Raymond-Raoul Lambert.

De •L'Univers Israelite.

Visado pela Comissão
de Censura

Aniversário da Fundação da Comunidade do Porto

Com numerosa assistência, realizou-se neste Instituto, no passado Domingo, dia 13, um chá, comemorando o décimo aniversário da fundação desta Comunidade Israelita, no Porto.

Foi sempre no meio da maior animação que elle decorreu. A alegria, via-se bem, estava estampada nos rostos de todos. Todos os Israelitas presentes tiveram, nestas horas em que estivemos reunidos, momentos de viva comoção íntima e de bem sentida alegria e satisfação, o que se traduziu nas palavras tão cheias de carinho, de incitamento e apoio que todos, unanimemente dirigiram ao Ex.^{mo} Sr. Barros Basto, alma e guia desta já muito florescente Instituição.

Não me alongo em mais considerações, porque não foi isso o que me propuz, ao pegar na pena, mas somente o fazer a descrição desta tão simples e pequenina mas tão significativa festa. Por isso, vou já fazê-lo para que todos os Israelitas que a ela não assistiram, possam, ao menos, saber como decorreu.

Como não podia deixar de ser, fomos primeiramente agradecer a Adonai, nosso Deus Unico Protector, a protecção que elle tão pródiga e carinhosamente tem dispensado a esta Santa Casa e a todos os seus dirigentes.

Foi celebrada a Minegah pelo Moisés de Brito Abrantes que nos deixou a todos muito bem impressionados pela maneira clara e devota com que o fez mostrando assim, a boa preparação que teve por parte do corpo docente deste Instituto.

Depois de terminada a oração o sr. Samuel Rodrigues, que também já completou com bons resultados o seu curso, fez-nos uma pequena homilia, terminando-a agradecendo ao Ex.^{mo} Sr. Cap. Barros Basto tudo o que tem feito por esta Casa e pela causa Judaica.

A seguir, sobe á tribuna o Ex.^{mo} Sr. Capitão que mais uma vez dos cativou e teve como que suspensos da sua palavra sempre tão fluente e cheia de fé. Descreveu-nos pormemoradamente a história desta Comunidade, fazendo sempre salientar o amor, a protecção que o Deus forte de Israel sempre tem dispensado a esta Causa: A Obra do Resgate.

Fez ver-nos os obstáculos, as dificuldades que Ele, sempre com auxilio Divino, teve de superar. Agradeceu a todos os Israelitas presentes fazendo, porém, especial referencia ao Ex.^{mo} Sr. Menasseh Bendob que também, como seu fundador, muito contribuiu, quer com o seu apoio moral, quer com o auxilio monetário, para o desenvolvimento espiritual e temporal desta Comunidade.

Continuando a fazer a história da Comunidade, Sua Ex.^a, com o que nos disse, fez comarrender-nos, (não porque falasse Pessoalmente de Si, porque alia ao grande amor que consagra a Esta Obra, uma grande modéstia, que mais faz realçar o seu profficuo trabalho) que o respeito e a veneração que por Ele já temos, pouco é com o que devemos ter e de que é merecedor. Terminou incitando-nos sempre ao trabalho e ao cumprimento do dever para que assim possamos ser vardadeiros Israelitas.

Dirigimo-nos, depois, conversando e rindo sempre com as frases tão cheia de graça com que um ou

outro Senhor nos brindava, para a sala onde um esplendido serviço de chá estava patente, como que a convidar-nos que dele nos servissemos.

Começou a servir-se o chá às numerasas Senhoras que à nossa Festa, deram uma nota muito agradável, e o vinho do Porto aos Cavalheiros presentes de que participamos também.

Durante o chá, pedida a divina vénia fez ouvir-se o seguinte discurso por Jonathau Rebordão:

Ex.^{mo} Sr. Capitão Barros Bastos, Minhas Senhoras, Meus Senhores e Caros Companheiros:

Ao orgadisarmos esta pequenina festa tivemos em vista, além de comemorarmos o décimo aniversário da fundação desta comunidade, patentearmos todo o nosso carinho, todo o nosso mais vivo reconhecimento a V. Ex.^a, como seu fundador e digno Reitor. Sim, V. Ex.^a, sr. Capitão, é digno do maior reconhecimento de todos os Judeus, especialmente dos Judeus Maranos Portugueses.

Se hoje o judaismo em Portugal é um facto, se a religião Israelita actualmente é praticada já por muitos Maranos, tudo é devido ao formidavel esforço e titanico trabalho de V. Ex.^a. Mas V. Ex.^a não se tem cingido somente ao levantamento moral e espiritual dos Maranos Portugueses. Quiz também que tivessem um templo, uma casa nossa, onde, nós, reconhecidos a Deus e a V. Ex.^a, poderemos fervorosamente fazer as nossas orações. E, assim, vimo-lo trabalhar sempre incansavelmente por mais este grande beneficio: A construção dumá Sé Sinagoga Portuguesa.

Não deviam ter deixado de O assaltar desanimos e até desilusões, não deviam ter-lhe faltado abtáculos que tinham de ser vencidos, mas V. Ex.^a não se deixa invadir pelo desanimo, não se deixa assoberbar pelo trabalho e a tudo opunha uma vontade ferrea e indomita. Com certeza que devia ter sempre em mente a divina: «Querer é vencer», porque não sendo assim V. Ex.^a não venceria e o sr. Capitão, venceu mais esta batalha.

Enfim, nao me alongo mais, porque acho inutil estar a falar num assunto que está tão patente aos olhos de todos.

Por isso, termino, fazendo os maiores votos de felicidade para V. Ex.^a e para toda a Sua Ex.^{ma} Família, pedindo, ao mesmo tempo, aa bom Deus que Lhe dê sempre a paz e alegria a que tem direito e que Ele, infinitamente justiceiro misericordioso para os da sua causa, não deixará de conceder-lhe, para assim poder ver os frutos da sua obra, assim podemos dizer, e se alegar em nós.

Tambem não quero deixar de agradecer em meu nome e na de todos os Talmidim a todas as Ex.^{mas} Senhoras aqui presentes pelo apoio moral e monetário que sempre têm dispensado a esta comunidade. A todos muito obrigados.

E nós, Talmidim, trabalhadores também, estudando sempre muito, para que assim possamos cooperar e continuar a «Obra de Regate» tão brilhantemente encetada pelo nosso Dignissimo Reitor e, assim, vendo Ele os belos frutos que nós faremos sazonar, se possa alegar em nós e conosco.

Tenho dito.

Foi também aplaudido.

Todos os Talmidim cantaram depois varias canções regionais que sempre foram aplaudidas.

Dedicada ás Senhoras cantou o Taimid Jonathan Rebordão uma canção que, no final, foi muito aplaudida. A seguir o sr. Menassch Bendob recitou a engraçada poesia:

«Um aldeão que vai á cidade» que, pela maneira bizarra e interessante como foi recitada, mereceu os aplausos de todos.

Em honra do sr. Eduardo Almeida cantou esta breve mas significativa quadra:

N'alma e no coração
A esperança acalentemos
De á terra de Promissão
Solo Bendito — (bis)
A voltar não tardaremos.

Tambem a sr.^a D. Sofia de Carvalho e uma sua sobrinha se fizeram ouvir num canto muito sentimental e belo, o Tlet pelo que mereceram os aplausos de todos.

Levantou-se, depois, para brindar em honra da Ex.^{ma} Sr.^a D. Lea Azancot, gentil Esposa do nosso Ex.^{mo} Director, uma veneranda senhora, Avó do nosso Ex.^{mo} Professor de Hebraico, que a todos muito impressionou e cativou e por todos foi secundada.

Terminou esta tão simpática festa com os cantos da Portuguesa e do Hino Nacional Hebraico, cantados de pé por todos os Israelitas presentes, deixando a todos, estou bem certo disso, imorredoiras recordações e fazendo votos para que mais tarde, assim tão alegremente passadas nos sejam mais vezes proporcionadas.

São estes tambem os meus mais ardentes votos.

Jonathan Duarte Rebordão.

• • •

GRÃ-BRETANHA

Manifestação projudáica ao Parlamento britânico

A questão judaica foi evocada mais uma vez ao Parlamento britânico no qual o coronel Oliver Lockey Lampson depositou num projecto de lei tendendo a acordar a nacionalidade palestiniã a todo o Judeu, que por qualquer razão, tenha perdido a sua nacionalidade de origem ou os seus direitos cívicos.

O debate suscitado pela proposta do deputado inglês desenrolou-se numa atmosfera de simpatia para o judaismo e mais especialmente para os israelitas alemães.

O snr. Locker Lampson disse em suma: «A Inglaterra que entrou na guerra para defender a liberdade do mundo, deve pôr-se ao lado da memória judaica perseguida. Os Judeus mostraram-se habitualmente muito ligados ao seu país.

Se a S. D. N. permanece indiferente, o império britânico deve tomar a iniciativa duma vasta acção em favor dos Judeus da Alemanha».

O orador terminou por um elogio entusiasta ao professor Alberto Einstein alvo de uma ovação calorosa.

A' Câmara adotou em seguida o projecto do snr. Locker Lampson em primeira leitura.

Para aliviar as vítimas judaicas do Hitlerismo

O *Daily Herald* publicou um artigo de M. A. L. Easterman a respeito do exodo da Alemanha de cerca de 400.000 Judeus.

O problema, diz êle, é complicado e difícil. Há na Alemanha 600.000 Judeus cuja maioria pertence á classe média: comerciantes e artistas, 400 000 deixariam de certo o país se tivessem meios de o fazer.

Calcula-se que 100.000 israelitas procuraram já refugio na França, Austria e Tchecoslováquia.

O conselho dos deputados Judeus, annunciando a sua decisão de convocar uma conferência mundial para discutir os melhores meios de auxiliar as vítimas de Hitler, declarou que a conferência estudaria a questão da instalação dos refugios actuais e vir para os países susceptíveis de os absorver.

Um vasto projecto financeiro foi estabelecido. Já negócios estão encetados com diversos governos.

O governo australiano está preparado para recolher uma forte colónia judaica nos territórios do norte que ainda não estão desenvolvidos; o governo turco fez saber que receberia um grande numero de Judeus, especialmente engenheiros, médicos, químicos, com a condição de que estes aceitem instruir um certo numero de estudantes turcos. A Argentina e o Brasil aceitam igualmente a colonisação duma parte do seu território pelos Judeus. Enfim, o governo persa verá sem desprazer os Israelitas instalarem-se nos districtos de Teheran e Tabi.

• • •

Terra de Israel

Durante os três ultimos meses emigraram para a Palestina 4.000 judeus alemães.

— O govêrno palestinião emitirá um empréstimo de dois milhões de libras para desenvolvimento do país.

Os evangelicos e o movimento Hitleriano

Recebemos a seguinte carta que agradecemos sensibilizados:

Lisboa, 18 de Abril de 1933.

Ex.^{mo} Sr.

Capitão Artur de Barros Basto — Porto

Meu prezado amigo e Senhor:

Junto tenho o prazer da remeter a cópia da carta que foi enviada á Aliança das Igrejas Evangélicas na Alemanha, manifestando o nosso pezar pela perseguição sofrida pelos israelistas daquela nação.

Rogo o obséquio de levar ao conhecimento representativo da Comunidade Israelita nessa cidade a nossa manifestação de simpatia neste momento angustioso.

Respeitosamente,

Eduardo Moreira

Presidente da A. E. P.

Cópia da carta enviada á
Deutschen Evangelischen Kirchenausschuss
de Berlím-Charlottenburg.

Lisboa, 11 de Abril de 1933.

Prezados Irmãos:

A Aliança Evangélica Portuense, lamentando o que houver de exagero nas noticias sobre atrocidades infligidas aos Judeus na Alemanha, mas não tendo visto desmentidas as que se referem á privação de direitos que colocam os Judeus em difficilosas circunstancias—o que considera uma perseguição tambem—vem manifestar-vos a sua tristeza por esse facto e a sua simpatia pelo antigo Povo Eleito.

Saudando-vos fraternalmente, sou,
Pela Aliança Evangélica Portuguesa.

O Presidente,

(a) *Eduardo Moreira.*

Secção Sionista

A Aldeia Judaica

A volta de um povo á sua patria historica deve ser encarado sob dois pontos de vista.

a) O que é que o Judeu traz á sua terra?

b) O que dá esta terra ancestral ao Judeu que a ela volta?

O fim do presente trabalho é justamente encontrar uma resposta objectiva a estas duas perguntas.

Antes de abördar o exame do estado actual da agricultura palestíniana, não esqueçamos um ponto importante: a Palestina não é um país novo; pelo contrario, é um país repleto de vestigios de uma antiga civilização. Assim não se deve estabelecer comparação entre o que se passa entre nós e o que se passa em outros centros de colonização, onde, povos arianos, transformaram lugares desertos em países florescentes e prosperos. Tais comparações são por vezes instructivas, mas, no fundo, restam dvidosas. O Judeu não volta para um país abandonado, inculto, em cujo solo se manteve intacta uma seiva secular devido a não ter sido utilizada nem explorada pela mão do homem. Os Hebreus, os Fenícios e os Filisteus não fôram os unicos a desenvolver nos seu país uma agricultura variada e intensiva (como testemunhas a Michna, o Talmud e outros documentos). Todas as tribus arabes que lhes succederam continuaram a explorar a terra e a exgotar-lhe a força. O Judeu, ao voltar para a Palestina, encontrou-se em face de uma população rural presa a uma velha tradição agricola, utensilios rotineiros, um cheptel indigena, uma alternativa regular de cultura, arvores frutíferas, diversas variedades de produtos hortícolas e agricolas, trabalhos de estação repartidos e regrados. Encontrou-se em presença de uma agricultura de formas imutaveis; e não era um regimem accidental, importado de fora; era um regimem admiravel pela sua logica interior, fruto de uma experiencia secular, he uma necessidade natural, o unico meio de existencia.

O traço caracteristico desta vida agricola é a sua adaptação plena e absoluta ás condições naturais. *Nunca aqui houve esforço*

colectivo para superar os obstaculos por meio do espirito de invenção da razão humana. O palestinião sabe adaptar-se á maravilha. Estabelecido numa terra que não brilha pela sua fertilidade, criou por si mesmo um regimem cujo traço principal é a sobriedade, logo de principio, começou por adaptar-se ele proprio á penuria que o cercava. Reduziu ao estrictamente necessario as suas necessidades, a sua alimentação e a dos seus animais, o alojamento, o vestuario e o conjuuto das suas despesas. Não ensaiou nunca modificar o que estava, renovar fosse o que fosse. Quando esbarrava com alguma dificuldade não procurava vence-la. Recuava e privava-se um pouco mais. Contentando-se com alguns utensilios primitivos e com processos de trabalho herdados dos seus antepassados, organisou consequentemente o seu genero de vida para séculos e séculos sem se afastar, por pouco que fosse, da linha primitivamente traçada. O Judeu dos tempos biblicos combatu com a propria terra guardou-a, fertilizou-a, «cercou-a de uma barreira e tirou-lhe as pedras». Ainda hoje são testemunho disso as culturas em terraços que subsistem nos declives das montanhas, em tudo o que resta das florestas que ainda não foram presa dos rebanhos dos beduinos, nas prescrições referentes á cultura, enfim, nas festas biblicas. Mas, os que vieram para o país depois do exilio dos Judeus, ignoravam tudo isso. *Desde que se estabeleceram no país nunca pensaram em melhorá-lo.* Tomaram-lhe tudo mas não lhe deram coisa alguma. E, como de geração em geração a terra não cessou de se empobrecer, de se mostrar cada vez mais avara das suas colheitas, o habitante do país não encontrou senão um unico meio de lutar contra esta penuria: — adaptar-se a ela. Já que a terra não podia satisfazer as suas necessidades tinha de se contentar com o que dela podia tirar, sem procurar exigir mais.

(continua)

• • •

Dos 4 cantos da terra

Inglaterra — Como protesto contra a perseguição dos judeus na Alemanha Lord

Alfredo Melchett converteu-se ao judaismo. Foi uma modesta mas tocante cerimónia numa pequena sinagoga do Norte de Londres.

Lord Melchett tinha já por várias vezes demonstrado uma actividade cheia de simpatia para com a Palestina judaica e outros interesses israelitas.

• • •

Um sermão do Rabbi Stephen Wise na Igreja americana de Paris

No domingo, 23 de Julho, o sr. Rabbi Stephen Wise de New York pregou na Igreja americana de Paris.

O templo estava cheio de fieis notando-se entre as numerosas personagens americanas, o embaixador Jesse Isidor Straus e numerosos refugiados alemães.

Este belo discurso foi pleno de emoção e produziu na assembleia uma das mais profundas impressões.

O Rev. Dr. Cochran agradeceu ao Rabbi que não exitou em fazer ouvir a sua palavra no meio de gentios.

• • •

Historia Sagrada Infantil

por DAVID MORENO

Continuação ao n.º 57

Obedecendo ao pai se encaminharam para o Egipto chegados ao qual não puderam reconhecer seu irmão Joseph.

Porém o mesmo não aconteceu a êsse Não vendo Benjamim entre êles tomou-os como espiões afim de os interrogar sobre seu irmão amado.

Só os deixou partir quando lhe disseram que Jacob e Benjamim estavam vivos.

Deve-se dizer que ficava Semeão na prisão, até que os irmãos lhe levassem Benjamim pelo que o pai muito se lamentou ao sabe-lo:

«Não tenho Josef, Simeão está prêso e ainda me quereis levar Benjamim! dizia ele. Não, meu filho não irá convosco, porque qualquer coisa que lhe acontecesse seria a causa da minha morte».

Contudo, tendo-se acabado o trigo mandava Jacob outra vez os filhos ao Egito.

Mas Judá disse: — «Aquele homem que lá governa nos ordenou expressamente que não voltássemos á sua presença sem o nosso irmão menor». — Vendo Jacob que por forma alguma poderia deixar de mandar Benjamim, confiou-o a Judá, que prometeu trazê-lo são e salvo. «Levai o dobro do dinheiro ao Governador e dai-lhe o que achastes nos sacos, não fosse ali posto por engano. Entretanto, continuou ele, ficarei eu só e triste como um homem que perdeu todos os filhos». — Chegavam os irmãos ao Egito e apenas Josef viu que entre eles estava Benjamim ordenou que os fizessem entrar no palácio e lhes fosse servido o jantar. Entretanto eles amedrontados começaram logo a falar do dinheiro que haviam encontrado nos sacos. Acalmou-os o mordomo e trouxe-lhes Simeão e mandou dar rações aos animais.

Veio Josef e saudando-os com afabilidade perguntou-lhes — «Vive ainda, vosso pai, está de saúde?»

— «Nosso pai, vosso servo, ainda vive e está de saúde».

— «E' este vosso irmão mais novo? Deus te abençoe filho meu!»

— E saiu depressa para ocultar lágrimas de alegria. Lavou o rosto para fazer desaparecer os sinais das lágrimas e voltando mandou pôr o jantar. Pôz porém a Benjamim um quinhão cinco vezes maior do que os outros e todos comeram e beberam alegremente.

CAPÍTULO XV

A taça de prata de Josef e o seu reconhecimento pelos irmãos

Como Josef quizesse experimentar se os irmãos tratavam a Benjamim com tanta inveja e ódio como a ele ordenou ao mordomo depois de jantar que lhes enchesse

os sacos e puzesse no cimo de cada um o dinheiro mas no sacco do mais moço que escondesse a sua taça de prata.

Feito isso partiram, mas mal eles saíram dava Josef esta ordem:

— «Ide ao alcance daqueles homens e detendo-os dizendo: porque pagasteis o bem com o mal, roubando a taça de meu amo?»

Quando o mordomo lhes disse isso exclamaram assustados:

— «Aquele que de dentre nós tiver consigo a taça morra e todos nós seremos vossos escravos».

Revistando os sacos foi o objecto que procuravam encontrando no de Benjamim. Cheios de espanto rasgaram os vestidos e foram conduzidos para a cidade á presença de Josef, que, com fingida severidade lhe perguntou o motivo porque assim haviam procedido.

Responde Judá: — «Que diremos para nos justificar? Deus nos castiga pelo nosso pecado. Seremos todos teus escravos».

Tornou Josef: — «Deus me defenda de tal fazer. Aquele que roubou a taça fica meu escravo, mas vós outros voltai em paz para casa de vosso pai».

Contou-lhe Judá o sacrificio feito pelo pai para deixar partir Benjamim e depois acrescentou:

— «Se eu voltar agora sem o menino, ah! que nosso pai morreria de mágua. Meu Senhor, responsabilizei-me por ele e ficarei eu, pois de boa vontade serei teu escravo, mas deixai-o voltar com os seus irmãos».

Não se pôde mais conter Josef, e, mandando retirar os estranhos que ali se encontravam disse:

— «Eu sou Josef». Não é possível descrever o estado de terror em que ele ficaram. Então continuou ele:

— «Eu sou vosso irmão que vendestes para o Egito. Mas não tenhais medo. Foi pela vontade de Deus que vós me mandastes para aqui, e não pela vossa. Apressai-vos, ide ter com o meu pai e dizei-lhe:

— «Eis o que teu filho te mandou dizer: Deus me tornou Senhor de todo o Egito; vem para junto de mim; habitarás a mais formosa parte destes reinos e tudo terás em abundancia, pois ainda restam cinco anos de fome».

Sabendo o Faraó o acontecido ficou satisfeito e disse :

— «A Jacob e seus filhos darei todo o bem do Egito».

E Josef despediu-se dos irmãos depois de lhe mandar dar carros, mantimentos, vestidos e dinheiros.

CAPÍTULO XVI

Vlagem de Jacob ao Egito. Sua morte e a Josef

— «Josef, teu filho vive e é Senhor de todo o Egito».

Foi essa a primeira exclamação soltada pelos filhos de Jacob apenas chegaram junto do pai. A principio não lhe pareceu senão uma ilusão mas ouvindo a narração dos filhos e vendo os carros e magníficos presentes não tardou em se convencer :

— «Nada mais tenho o desejar, disse ele, pois vive ainda meu filho Josef. Irei e ve-lo-ei antes de morrer».

E Jacob, radiante de alegria com os seus, ao todo sessenta e seis pessoas deixaram Canaan para se dirigir para o Egito.

Apareceu-lhe porém o Senhor que lhe disse :

— « Não temas ir ao Egipto, porque eu farei da sua posteridade um grande povo, e um dia tirá-lo-hei de lá para o levar à terra que prometi ».

Joseph veio ao encontro do pai e lançou-se-lhe ao pescoço, ficando largo tempo abraçado a êle, chorando de alegria.

Disse-lhe Jacob: — «Morrerei agora em paz, pois vi o teu rosto». Depois apresentou Joseph seu pai ao Faraó que lhe perguntou quantos anos tinha de idade, ao que êle respondeu: — «Há 130 anos que ando peregrino no mundo; êsses anos são poucos e maus, nem igualam os de meus pais».

Recebeu Jacob a mais bela parte do Egipto, na terra do Gessen e tudo quanto precisava em abundância. Dezesete anos habitou esta terra e sentindo que a morte se aproximava, abençoou dois filhos de Joseph, Menassés e Ephraim e em seguida reunindo todos os outros filhos, exclamou: — «Eu vou morrer, mas Deus será convosco e vos conduzirá um dia à terra de nossos pais».

Abençoou todos os seus filhos, mas a melhor benção foi dada a Judah, por estas

palavras: — «Judah, tu dominarás sobre todos os teus inimigos e os filhos de teu pai se curvarão perante ti. A corôa não sairá de Judah e haverá sempre príncipes da sua geração, até que venha Aquele que será enviado a Ele será o desejado das nações».

E soltou o último suspiro, dizendo: — «Quero que me sepulteis na terra do Canaan ao lado dos meus pais».

E os filhos de Jacob, ou seja a casa de Israel, cobriam agora de beijos o corpo daquele que iria receber o prêmio eterno que na terra conquistou.

Os egípcios ficaram de luto 70 dias, passados os quais Joseph, com toda a corte foi a Canaan e sepultou o cadáver de seu pai, na terra de Hebron.

Com a idade de 110 anos, sentiu também Joseph que a sua hora estava chegada e pouco antes de lançar o último suspiro, disse aos seus irmãos:

«Deus, depois da minha morte vos visitará e vos conduzirá à terra que foi prometida a Abraham, Isaac e Jacob; transportai então convosco os meus ossos».

E ditas estas palavras abandonou o mundo provisório para se encaminhar para o mundo Eterno, onde todo o justo tem o seu lugar.

(Continua).

• • •

Instituto Teologico Israelita

EXAMES

O resultado dos exames do ano lectivo de 5693 (1932-1933) foi o seguinte:

1.ª CLASSE

Abraham Lopes—aprovado com 10 valores.
David Lapo—idem.
Johanam Vaz Quima—idem.
Aarão Horta—idem.

2.ª CLASSE

Joseph Gabriel—aprovado com 12 valores
Judah Lopes — » » 12,5 »
David Moreno— » » 14 »

3.ª CLASSE

Moisés Abrantes —aprovado com 12 valores
Samuel Rodrigues— » » 14 »